

O PROFESSOR DAN

PAMELA REEVE

Oi, professor Dan! - disse, em coro, a classe lotada de alunos da pré-escola.

Dan tem a aparência de um avô, com seus cabelos grisalhos, um grande sorriso no rosto e olhos azuis que revelam um caráter bondoso.

Ele sorri e cumprimenta as crianças. Duas vezes por semana, ele faz uma breve visita àquela escola, antes de se dirigir a outra sala de aula.

Ele passa pela garagem transformada em pré-escola, entra na casa e segue até o hall. Pára diante de uma porta aberta. É uma classe sem quadro-negro e sem quadro de avisos. Não existem fileiras de carteiras nem sineta. É um quarto extra da casa, onde há uma mesa grande para computador, um computador novo, duas cadeiras e um sofá.

Seu aluno, Jason, está sentado diante do computador. Os cabelos ondulados e escuros se agitam de um lado para o outro enquanto Jason acompanha com o corpo os movimentos do seu cantor de rock favorito. Longos dedos tocam um piano imaginário enquanto ele ouve a música.

Dan aguarda.

Jason é um menino puro. Muitas pessoas diriam que a vida não foi justa com ele; Jason passou parte de seus 18 anos sofrendo de convulsões. Quando ele chegou à puberdade, as convulsões aumentaram tanto, em frequência e intensidade, que ele precisou passar a receber aulas em casa. Sua fala é lenta e moderada. Os passos são trôpegos. Sua capacidade de transformar pensamentos em palavras é demorada por causa do problema que afeta seu cérebro.

Dan, um professor aposentado, com especialidade em ensino para excepcionais, passa dois dias por semana lecionando para Jason, que acaba de iniciar seus estudos no curso médio, e é mais alto que seu professor, que mede 1,80m. O formato quadrado do rosto de Jason confere-lhe uma fisionomia bonita. Ele gosta de provocar os outros e adora fazer brincadeiras. Também possui perfeito entendimento do que é certo e errado, e sua fé em Deus é firme.

Os movimentos de Jason são um tanto descontraídos quando ele se vira para ver Dan. Ambos têm esperança de que Jason não terá nenhuma convulsão durante os 90 minutos de aula.

Com voz grave e tranquila, ele cumprimenta o professor.

- Oi, D-an.

- Como você está hoje? - Dan pergunta.

- Ótimo. Sen-ti a su-a fal-ta outro di-a. Que b-om que vo-cê já sa-rou.

- Eu preferia ter vindo a ficar em casa cuidando de uma gripe.

- A gri-pe é ter-rí-vel.

- Ótimo, Jason. Estou gostando de ver você usar palavras novas.

Acho que "terrível" é uma de suas prediletas, não?

Jason sorriu. - Eu gos-to de ter-rí-vel.

- Bem, podemos começar?

Como qualquer outro adolescente faria, Jason protela um pouco.

- Vo-cê sa-bia que não es-tão mais fa-zen-do ba-na-nas?

- Por que, Jason? Por que não estão mais fazendo bananas?

Jason ri e bate na mesa com a palma da mão. - Por-que nin-guém faz ba-na-nas. E-las nas-cem na ba-na-nei-ra.

Ele pega sua pequena toalha e enxuga a boca. Seus olhos brilham ao ver q~ Dan gosta da brincadeira.

- Esta foi boa, Jason. Eu caí mais uma vez.

Dan sentiu-se muito orgulhoso por Jason ser capaz de fazer esse tipo de brincadeira, fazendo sempre a pergunta certa.

Depois de conversar sobre os acontecimentos recentes, Jason deve escrever três frases sobre o que eles falaram. O tempo passa... cinco minutos... dez... Nada acontece.

Dan aguarda.

Olhando para a cabeça curvada de Jason, ele diz:

- Jason, você está pensando no que deseja escrever?

Ele não responde. Olha para o teclado. Lentamente, começa a digitar uma palavra. Depois de 25 minutos, ele consegue digitar três frases. Gramaticalmente, elas não são frases completas - apenas frases de cinco a dez palavras.

Dan ouve Jason ler as frases em voz alta. Ambos conversam sobre as modificações que podem ser feitas. Jason não gosta de cometer erros. Ele tenta, de todas as maneiras, ser perfeito. Sua mente é ágil.

O problema é transformar os pensamentos em palavras. Apenas uma palavra está correta. Eles fazem uma pausa de cinco minutos. O dia está indo bem.

- Vamos olhar seu dever de casa.

- De-ver de ca-sa é ter-rí-vel!

- Acho que você aprendeu bem essa palavra.

Depois das lições, Jason escolhe um jogo educativo, no computador, para desafiar Dan. Novamente, Jason vence.

- D-an, faz qua-se dois a-nos que vo-cê é meu pro-fes-sor.

Isso é muito significativo para Jason. Dan tem levado solidariedade à vida de Jason - algo de que ele necessitava após ter tido quatro professores em um só ano.

Os 90 minutos terminaram. Dan pergunta:

- Qual é o seu dever de casa para quinta-feira?

- Ter-rí-vel ma-te-má-ti-ca - ele responde.

Os dois riem. Dan pega sua maleta, e Jason o acompanha até a porta.

- Até quinta-feira.

- A-deus, Dan.

Jason permanece em pé, na porta, e acena. Ele aprecia o tempo que passou com Dan, porque é tratado com dignidade e respeito.

--Dan coloca a maleta no banco traseiro do carro. Quando ele se vira, Jason está vindo em sua direção. A garoa fina molha sua camiseta.

- Jason, tome cuidado - adverte Dan, falando com calma. Devagar! Cuidado para não cair!

Jason acabou de se recuperar de uma cirurgia na mandíbula resultado de uma queda.

Jason continua a andar, e Dan vai ao encontro dele.

O rapaz aproxima-se de Dan e dá-lhe um enorme abraço. Jason nunca havia demonstrado esse tipo de sentimento. Dan retribui o abraço e o conduz carinhosamente de volta a casa. Enquanto caminha em direção ao carro, Dan ouve:

- Eu a-mo vo-cê, D-na. O professor Dan afasta-se dali. Lágrimas umedecem os cantos de seus olhos. Se Jason tivesse sido seu único aluno, já teria valido a pena ser professor.